



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Discutindo sobre atitudes capacitistas no decorrer de uma pesquisa sobre inclusão.

Karen Valencia Mercado

Rosa Monteiro Paulo

Resumo do trabalho: o texto tem como objetivo comunicar e discutir atitudes capacitistas identificados em dois momentos importantes que se vivenciou na produção dos dados de uma pesquisa de doutorado, onde foram identificadas atitudes capacitistas da pesquisadora. Nessa pesquisa de doutorado, de cunho qualitativo e postura fenomenológica, se tem por objetivo compreender os modos pelos quais a pessoa cega vivencia a espacialidade e a temporalidade. Para tanto, acompanhou-se uma pessoa cega, aluna de um Centro Educacional e as visitas ao Centro contribuíram não apenas para a produção de dados da pesquisa, mas também como experiência vivida marcante que possibilitou identificar e refletir sobre as próprias atitudes capacitistas (da pesquisadora). Nesses dois momentos foram identificadas duas atitudes, a expectativa de normalidade e o preconceito de que as pessoas com deficiência são sempre boas, para mostrar a necessidade de a pessoa, pesquisadora ou o pesquisador em Educação Matemática Inclusiva, refletir sobre seus discursos capacitistas.

Palavras-chave: Educação Matemática Inclusiva; Capacitismo; Inclusão.

Introdução.

O objetivo neste texto é comunicar e discutir dois momentos vivenciados na produção dos dados da pesquisa de doutorado em andamento.

Eu, primeira autora deste trabalho, sou licenciada em matemáticas pela Universidade del Atlântico, Colombia, mestra em Educação Matemática e agora, doutoranda na mesma área. Desde a licenciatura me interessa a discussão sobre inclusão, o que me levou a desenvolver meu trabalho de conclusão de curso nesse tema, claro, desde uma outra ótica: da minha própria posição de privilégio e sem conseguir enxergá-la. Assim, pesquisei sobre inclusão desde a graduação; meu TCC foi uma análise do processo de inclusão de um aluno cego em uma aula de matemática. No mestrado desenvolvi uma análise de atividades matemáticas em braille. Agora, para o doutorado, estou desenvolvendo uma pesquisa cujo objetivo é compreender os modos pelos quais a pessoa cega vivencia a espacialidade e a temporalidade.

Os dados da pesquisa foram produzidos durante o acompanhamento da pesquisadora com uma menina cega, em um centro educacional especializado para atendimento de pessoas com deficiência visual e auditiva. No decorrer dos encontros de acompanhamento da aluna, acontecem dois episódios que elegi para relatar. Destaco-os



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

como importantes, pois me mostraram os prejuízos, preconceitos e crenças capacitistas que, mesmo como pessoa que luta pelos direitos das minorias, e pesquisadora na área de inclusão, ainda tenho presentes sem conseguir me desprender deles completamente. Mas, antes de tais episódios, vou trazer brevemente aspectos da metodologia assumida na pesquisa e um modo de entender o que é o capacitismo.

Metodologia.

A metodologia que elegida para a realização da pesquisa de doutorado é a qualitativa, o que significa que não se tem

por meta uma hipótese a ser comprovada ou rejeitada, à luz de dados que fortalecem uma teoria específica, a qual postula, previamente, sobre a investigação em curso. É uma lógica que caminha junto à interpretação dos dados construídos pela pessoa – e sua equipe – que investiga o indagado. (BICUDO, 2021, p. 550).

Ainda, qualitativa de postura fenomenológica, o que significa dizer que o foco é a compreensão do tema que está sendo investigado. Ou seja, não se busca justificar ou dar explicações causais para o que se interroga, mas compreender e descrever a vivência. A descrição é importante na postura fenomenológica, pois é por meio dela que o pesquisador poderá relatar o percebido na percepção.

Pode-se dizer que, na pesquisa fenomenológica, “buscamos pelo fundo, pelo solo perceptivo onde a percepção se dá. Buscamos pelo campo da presença, no qual estão nítidas as dimensões do aqui-ali (proximidade) e do agora/antes/depois (tempo) em que o sujeito que percebe se situa” (BICUDO, 2000, p. 76). A descrição possibilita trazer esse fundo no qual a percepção se dá, expondo a vivência tal qual ela se deu, sem emissão de julgamentos ou avaliações. Para tanto, ela deve ser feita com todo rigor, porque é por meio dela que compreendemos o fenômeno, entendido como o que é visto do que se mostra no mundo da vida, “o que se mostra, o que aparece” (BICUDO, 2010, p. 29). Os dados da pesquisa foram produzidos durante o acompanhamento da pesquisadora com uma menina cega, em um centro educacional especializado para atendimento de pessoas com deficiência visual e auditiva como já foi mencionado anteriormente.

O que é o capacitismo?

O capacitismo é entendido como uma forma de opressão que sofrem as pessoas com deficiência ou, de modo mais específico, “O capacitismo é a materialização de



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

atitudes permeadas pelo preconceito que categorizam os sujeitos conforme a adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional” (MELLO; CABISTANI, 2019, p. 6). Assim entendido, não se pode reduzir o capacitismo a discriminação contra pessoas com deficiência, pois está enraizado no conceito de um corpo ideal. Esse ideal tem atributos ou características determinadas por um contexto sociocultural que inclui a heterossexualidade, a monogamia, cisgêneridade, entre outras. Mesmo em comunidades marginalizadas, a ideia do “normal”, isto é, do que atende a tais características, permeia de expectativas e suposições o funcionamento e capacidade dos corpos, sendo o gênero e a sexualidade características ligadas às pessoas sãs e neuro típicas (BROWN, 2017). Pode-se, então, afirmar que o capacitismo é a base das opressões.

A construção social capacitista está baseada na crença de que as habilidades e o funcionamento do corpo considerados “normais” são o dever ser do ser humano, logo não se espera que as pessoas com deficiência tenham uma vida digna, pois não são pessoas “completas”. As atitudes capacitistas são das pessoas, independente de elas terem ou não proximidade com pessoas com deficiência. O capacitismo se equipara a outras discriminações como o machismo, racismo e homofobia, que se apresentam mediante atitudes generalizadas na população (BARRANQUERO; GARCÍA, 2019).

Existe um favoritismo para algumas capacidades privilegiadas que tem servido para justificar a hierarquização dos direitos e a discriminação, não só de pessoas com deficiência, o que indica que relacionar o capacitismo a um discurso voltado às pessoas com deficiência implica uma redução da sua variedade e de suas formas (WOLBRING, 2008b em PAYÁ; TOBOSO-MARTÍN, 2018).

Considerando a produtividade econômica e a competitividade, o capacitismo é atualmente a base de muitas sociedades, sendo considerado um requisito necessário para o progresso. Nesse quadro, culturas, países, regiões, setores, comunidades e até mesmo famílias e indivíduos promovem e valorizam certas capacidades, considerando outras como não essenciais (WOLBRING, 2008B em PAYÁ, TOBOSO-MARTIN, 2018, p.3).

Payá e Toboso-Martin esclarecem que há sentidos diversos para o capacitismo, relativamente à capacidade física e mental ou a capacidade social, implicando em discursos normativos.

Num primeiro sentido, o capacitismo reflete o preconceito referido às capacidades funcionais (físicas e mentais) do corpo das pessoas, cuja



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

esfera de projeção é a deficiência. Num sentido alternativo, a ideia de capacitismo também penetra no social. Nessa interpretação ampla, o capacitismo será projetado, não nas capacidades (abilities) funcionais do corpo, mas nas capacidades (capabilities) sociais da pessoa. Em seu duplo sentido, o capacitismo constitui um discurso normativo que privilegia certas capacidades funcionais, por um lado, e certas capacidades sociais, por outro (desvalorizando diferentes formas de realização de ambas) (PAYÁ, TOBOSO-MARTIN, 2018, p.3).

Esses autores esclarecem que há, também, o capacitismo conhecido como aporofobia, fazendo uma conexão entre deficiência e pobreza. A aporofobia caracteriza-se pelo rechaço e aversão contra as pessoas pobres, por terem poucos recursos econômicos. Segundo os autores, o que incomoda é o fato de que a pessoa não poder oferecer nada à sociedade, sendo necessário destinar recursos para o desenvolvimento de políticas sociais que lhes possibilitem a participação em diferentes setores da sociedade como educação, serviços sociais, saúde, etc. (PAYÁ, TOBOSO-MARTIN, 2018).

Com os autores aqui trazidos pode-se dizer que o capacitismo é uma forma de ver a pessoa não pelo que a caracteriza como pessoa, mas por aquilo que “lhe falta”, segundo determinados padrões estabelecidos.

Crenças capacitistas.

Pode-se dizer que, de modo geral, todos somos capacitistas, pois fomos educados em um sistema que considera certo padrão de normalidade. Schirato (2020, p. 1) investiga o significado de “normal” e diz que a palavra está associada à ideia de comum – “como um: o que outro tem de mim e que me identifico; e o que eu tenho do outro e que ele se identifica”. Isso remete à criação de certos padrões de comportamento, de opiniões, de hábitos que sejam como um, de todos. Portanto, a normalidade retrata “a constituição de um padrão que assegura às pessoas que estão contidas nele uma certa proteção, segurança, continuidade, e, portanto, sobrevivência.” (SCHIRATO, 2020, p. 2).

Uma das crenças capacitistas é a de que as pessoas com deficiência não têm maldade, que são boas e que não podem violentar ou ofender intencionalmente. Isto se constata, por exemplo, nas afirmações de mães de pessoas com síndrome de *Down*: “Mariana argumenta que o filho *é inocente, até tiram as coisas dele e ele fica sem fazer nada. Ele não entende que foram roubados ou esse tipo de coisa*” (MALDONADO RAMIREZ, 2018, p 89, grifo nosso)



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Gloria, outra mãe de pessoa com síndrome de *Down*, também manifesta tal compreensão: “a gente tem que ensinar um pouco pra eles que tem maldade lá fora porque tem muita inocência neles, é uma característica deles, tem muita inocência” (MALDONADO RAMIREZ, 2018, p. 89).

Outra crença capacitista é a que considera que as pessoas com deficiência não são capazes como o são as “outras pessoas”. E, embora pareça contraditório, também é uma crença capacitista aquela atitude que ignora a deficiência, agindo como se ela não existisse e comparando as capacidades das pessoas com deficiência com as das pessoas sem deficiência, tentando fazê-las ver que são iguais em termos de habilidades, capacidades e oportunidades.

Também é uma manifestação de crença capacitista as atitudes que consideram que uma pessoa com deficiências cognitivas, por exemplo, está em desvantagens comparativamente às pessoas com deficiências físicas, como se houvesse uma hierarquia ou certa deficiência fosse mais aceitável que outras. Como consequência dessa atitude, criam-se expectativas de “normalidade”, esperando-se que uma pessoa com deficiência atue ou aja como se tivesse condições sociais e físicas de acessibilidade.

A experiência vivida.

Nesta seção, a primeira autora, com pesquisadora, descreve os dois momentos que quero compartilhar e que fizeram refletir sobre os meus pensamentos e atitudes capacitistas, lembrando que o processo de desconstrução é permanente e inacabável.

Diálogo machista.

Em um dos dias em que fui ao Centro e estava esperando Camélia¹ para acompanhá-la nas suas atividades, notei umas pessoas com deficiência visual que começaram a fazer comentários misóginos, falando das mulheres que usam saltos; o som dos saltos e quão ridículo eram. Consideravam que algumas mulheres entre os 40 e 50 anos deveriam deixar de usá-los, porque só queriam chamar a atenção dos homens etc. Num primeiro momento fui acometida por um sentimento de raiva, pensei: *elas não deveriam estar falando assim*. Mas, esse “*não deveriam*” não estava baseado na consideração de que

¹ Nome não é o nome real da menina, se trocou por confidencialidade.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA
04 a 06 de setembro de 2023
Instituto Federal do Espírito Santo
Vitória-ES

os comentários eram misóginos e machistas, mas porque *eles são cegos, não deveriam se expressar assim*.

Este sentimento expressa a crença capacitista de que as pessoas com deficiência são oprimidas e não opressoras; são sempre boas, não têm ou não deveriam ter maldade. Acrescido a isso, está o sentimento de que a sua deficiência já é muito para suportar, logo poderia justificar esse mal comportamento deles.

Expectativas de normalidade.

Durante as atividades em que acompanhei Camélia, me dei conta de estar pensando que ela poderia “fazê-las normalmente”, ou seja, que ser cega não era um impedimento para realizar certas atividades.

Esperava que Camélia fizesse as tarefas como “qualquer outra pessoa”, sempre esperando que estivesse dentro do aceitável, como o faria uma pessoa sem deficiência. Certa vez, dentre as atividades do dia, começaram a brincar. O brinquedo que tradicionalmente é feito de madeira tinha unido por uma corda, um copo em uma ponta e uma bola com um buraco na outra ponta. O objetivo era encaixar a bola no copo (tipo um bilboquê feito com garrafa). O bilboquê feito de garrafa pet tem uma parte da garrafa imitando o copo e está ligado com uma corda a uma tampa de garrafa, que é a que tem de entrar dentro do copo, como se vê na figura 1. O segredo da brincadeira está no movimento do braço: tem que ser um movimento de baixo para cima e curvo, para conseguir encaixar a bola no corpo.

Figura 1. Bilboquê feito de garrafa pet.





III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA
04 a 06 de setembro de 2023
Instituto Federal do Espírito Santo
Vitória-ES

Fonte: Autora, 2023, Dados de pesquisa.

Eu, expectadora, me descubro esperando que Camélia faça o movimento indicado sem errar, porque “a deficiência não é um impedimento para que ela faça as coisas”. Porém, ela erra o movimento, não consegue fazê-lo como o indicado e não consegue encaixar a bola no copo do brinquedo, apesar de tentar várias vezes. Então me dou conta de minha expectativa, considerando-a como os demais, igual aos demais, uma vez que a deficiência não é um impedimento. Tais pensamentos são como uma armadilha e, embora não pareça, respondem a uma lógica capacitista na qual estamos inseridos e com a qual medimos, avaliamos ou comparamos as pessoas com deficiência segundo o que cremos que elas podem ou não fazer comparativamente aos outros.

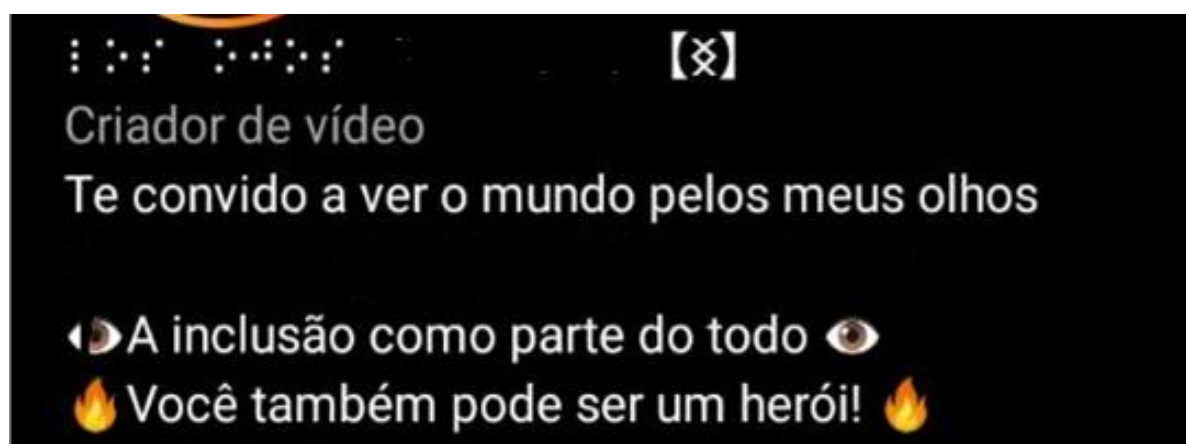
Mas, afinal, que outros? Mesmo no universo das pessoas sem deficiência, quais são os “outros” capazes de fazer o movimento curvo e acertar com precisão a bola no bastão? Todos são capazes? Todos conseguem êxito no brincar? As crenças capacitistas nos levam ao padrão de como um.

Discussões e conclusões.

O capacitismo invade o pensamento atual, atuando através da linguagem, imagens e sistemas de representações das pessoas e está tão presente que chega a parecer natural e aceitável (CHERNEY, 2011, apud PAYÁ; TOBOSO-MARIN, 2018).

As duas experiências vividas que relato são bastante comuns, por um lado porque os discursos capacitistas estão muito enraizados na sociedade e por outro lado porque se considera que pessoas sem deficiência *ajudam* às pessoas com deficiência e são uma espécie de heróis.

Figura 2. Você também pode ser um herói!





III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Fonte – *Screenshot*, página de Instagram.

A Figura 2 é uma página do Instagram de um criador de conteúdo sobre inclusão e acessibilidade que por questões de identidade vai se manter em anonimato. Quando nós percebemos como “heróis” por “ajudar” outras pessoas, neste caso, as pessoas com deficiência, mantemos e reforçamos estigmas contra elas, tais como os que menciona Vendramin (2019, p. 19), ao dizer que “O estereótipo trágico-herói atua fixando o imaginário sobre a identidade de pessoas com deficiência nos estigmas do herói (discurso da superação) ou do coitado-trágico (discurso da caridade e/ou emocionalidade)”.

Embora pareça contraditório, existem afirmações fortes em pesquisas sobre inclusão, parecidas com as que relato na minha vivência, em que o pesquisador ou pesquisadora em inclusão expressa, provavelmente não de maneira intencional, discursos que mostram uma posição de privilégio, levando o leitor a interpretar que nós, ao falarmos de inclusão, estamos permitindo ou dando permissão às pessoas com deficiência para habitar espaços que deveriam ser seus por direito, já que são pessoas.

Afirmações como *“Hoje é cada vez mais comum ver uma pessoa com deficiência como uma pessoa com os mesmos direitos e oportunidades que qualquer outra, no entanto, alguns estigmas sociais ainda prevalecem sobre essa população devido a crenças antigas, apesar dos esforços de visualização das instituições²”*, presentes em pesquisas sobre inclusão, revelam que, mesmo se esteja falando de direitos das pessoas com deficiência, ainda se está no paradigma da normalidade, e, sobretudo, ainda não enxergamos as pessoas com deficiência como pessoas. Há o sentimento de que somos nós que estamos dando a elas os direitos e não elas que os têm. Em muitos textos sobre inclusão abre-se discursos que revelam a existência de prejuízos, recônditos e crenças falsas contra as pessoas com deficiência.

Payá; Toboso-Marin (2018) afirmam que, como o capacitismo se baseia no modelo médico da deficiência, assume-se o objetivo de reabilitar as pessoas com deficiência ou mesmo prevenir seu nascimento. Essa “intenção” pode estar assentada nas expectativas de normalidade segundo as quais o valor de uma pessoa é medido segundo o que ela pode

² Esta afirmação foi extraída de uma pesquisa em Educação cujo foco é a inclusão, porém não será referenciada, uma vez que nosso objetivo não é expor ou julgar posições, mas refletir sobre o que se diz.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

produzir e das habilidades que possui, para que possa ser “incorporada” ao mercado de trabalho.

Este relato, longe de querer julgar, é um convite à reflexão, um alerta para o cuidado com a forma usada para nós referimos ao outro, para expor o que pensamos e como tratamos as pessoas, não só as pessoas com deficiência, mas as pessoas que estão ao nosso redor. É um chamado a olhar para as nossas próprias crenças e reconhecer os preconceitos que podem, ainda, estar enraizados e transparecer na fala/escrita, nos gestos, nas atitudes.

Referências

BARRANQUERO, M. O. GARCÍA, A. H. Capacitismo: un fenómeno sociodemográfico. *Actas de coordinación sociosanitaria*, v. 25, p. 179-198, 2019.

BICUDO, M. A. V. A lógica da pesquisa qualitativa e os modos de procedimentos nela fundados. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 9, p. 540-552, 2021.

BICUDO, M. A. V. *Filosofia da Educação Matemática: fenomenologia, concepções, possibilidades didático-pedagógicas*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

BICUDO, M. A. V. *Fenomenologia confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez Editora, 2000

BROWN, L. Ableist shame and disruptive bodies: Survivorship at the intersection of queer, trans, and disabled existence. In: Johnson, A.; Nelson, J.; Lund, E. (Eds.). **Religion, disability, and interpersonal violence**. Springer, p. 163-178, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-56901-7_10>. Acesso em 23 de maio de 2023.

GESSER, M., BLOCK, P., & MELLO, A. G. Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. In: M Gesser,; L Bock, P. Kempfer; Lopes, (org). **Estudos da deficiência anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: Editora CRV, pp. 17-35, 2020.

MELLO, L. S & CABISTANI, L. G. Capacitismo e lugar de fala: repensando barreiras atitudinais. *Revista da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul*, n. 23, p. 118-139, 2019.

MALDONADO J. R. El Síndrome de Down a través del Cuidado Interdicto. Un estudio antropológico entre la interfaz del capacitismo y la heteronormatividad. *Revista Antropológicas*, v. 29, n. 2, p. 83-113, 2018.

PAYÁ, M; TOBOSO-MARTÍN, M. Capacitismo como aporofobia. La inclusión social de las personas con diversidad funcional como reto democrático pendiente in: V CONGRESO INTERNACIONAL DE BIOÉTICA. NEUROEDUCACIÓN MORAL Y DESARROLLO HUMANO. Universidad de Valencia, p. 12-14, noviembre 2018.

SCHIRATO, M. A. R. **Novo normal**: entenda melhor esse conceito e seus impactos em nossas vidas. In: Inspere, 2020. Recuperado em junho de 2022. Disponível em: <<https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito/>>.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

VENDRAMIN, C. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL REPENSANDO MITOS CONTEMPORÂNEOS, 3, 2019, Campinas. **SOFIA**: entre o saber e o não saber nos processos artísticos. Campinas: UNICAMP, Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, p. 16-25. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/issue/view/112>>. Acesso em 25 de maio de 2023.